

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 7 | Boa Vista | 2020

<http://revista.ufr.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3893350>



A CRISE DO CAPITALISMO EM TEMPOS-ESPAÇOS DE PANDEMIA

Nathan Pereira Dourado¹

Resumo

O presente ensaio tem por objetivo pensar criticamente a pandemia de coronavírus associada à profunda crise estrutural do capital. Este ensaio objetiva também fornecer reflexões sobre possíveis respostas à crise.

Palavras chave: COVID-19; crise estrutural; pandemia; sistema capitalista.

Abstract

This essay aims to critically think about the coronavirus pandemic associated with the profound structural crisis in capital. This essay also aims to provide reflections on possible responses to the crisis.

Keywords: capitalist system; COVID-19; pandemic; structural crisis.

O sistema capitalista vem demonstrando continuamente a incapacidade de lidar com suas contradições internas, oriundas da própria lógica de funcionamento baseada na acumulação e expansão incessante de capital, e na relação de superexploração, dominação e alienação que se estabelece com a natureza e a força de trabalho humana – fontes de produção de riqueza. A sua legitimidade/viabilidade tem sido fortemente questionada, devido ao fato deste modelo de sociedade se mover mais pelos interesses vinculados à acumulação de capital, do que pelas reais necessidades das pessoas, respeitando os limites da natureza. Na realidade, o capitalismo se mostra incapaz de assegurar as condições de vida digna para maior parte da população mundial (SANTOS, 2020; HARVEY, 2016; MÉSZÁROS, 2011).

Expansionista, destrutivo e, no limite, incontrolável, o capital assume cada vez mais a forma de uma crise endêmica, como um *depressed continuum*, como uma crise cumulativa, crônica e permanente, com a perspectiva de uma crise estrutural cada vez mais profunda (MÉSZÁROS, 2011, p. 18).

Acredita-se que o capitalismo enfrenta, desde a década de 1970, uma profunda crise estrutural global e sistêmica, que tende a se agravar consideravelmente até entrar em sua fase terminal (HARVEY, 2016; WALLERSTIEN, 2012; MÉSZÁROS, 2011). Dito isso, prevê-se que estamos diante de um “caos sistêmico iminente” capaz de levar a um colapso completo na organização do sistema (ARRIGHI; SILVER, 2001); tais formulações teóricas revelam a precibilidade do sistema capitalista e apontam

¹ Doutorando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO/UFBA). Email para contato: npdourado@hotmail.com



para a necessidade de superação histórica². As contradições do capital são óbvias e insuperáveis, “qual momento seria melhor do que este para propor uma despedida do capital e começar a construir uma alternativa e um modo de produção mais saudável?” (HARVEY, 2016, p. 287). Por se tratar de uma crise estrutural permanente, e não conjuntural, esta crise não pode ser solucionada sem que haja uma mudança completa desta estrutura que a criou. Com efeito, “do ponto de vista cognitivo a superação do capitalismo deveria estar no horizonte de todo cientista e de todo cidadão” (PORTO-GONÇALVES, 2020, p. 4).

A PANDEMIA E O AGRAVAMENTO DA CRISE CAPITALISTA

A crise estrutural e sistêmica do capital se expressa na confluência de múltiplas crises: ecológica, social, política e econômica, engendradas inexoravelmente pela própria lógica de produção destrutiva imposta pelo desenvolvimento capitalista. Atualmente, soma-se a este quadro a crise de saúde pública causada pelo coronavírus, SARS-CoV-2, causador da pandemia da COVID-19 (SENHORAS, 2020). Para Davis (2020), “a crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo”.

Como se sabe, a origem e disseminação de vírus são resultantes de mutações, diretamente ligadas às perturbações das condições ambientais, que são determinadas, dentre outros fatores, pelo modo de produção capitalista globalizado (HARVEY, 2020). Há pesquisas que associam a origem da pandemia ao sistema agroalimentar industrializado e intensivo (agronegócio) - modelo hegemônico de produção agropecuária amplamente difundido no mundo desde os anos 1970 – que se expandiu no mundo através da ofensiva neoliberal das chamadas “corporações-monstro” (MÉSZÁROS, 2007), patrocinadas pelo desenvolvimento destrutivo das forças produtivas do capital (FOSTER, 2005). Logo, pode-se afirmar que a pandemia era previsível, como consequência das relações de produção capitalista e do desequilíbrio ecológico (WALLACE, 2016).

Os cientistas agroecólogos, Altieri (2020) e Gliesman (2020), alertam para os impactos que esse modelo(destrutivo) de produção agropecuária causa na saúde humana, nos ecossistemas e no clima mundial. Para o epidemiologista, Rob Wallace (2016), a destruição dos ecossistemas naturais combinada com a homogeneização e simplificação genética³ associadas à agropecuária intensiva criam condições determinantes à disseminação maciça de vírus e doenças. De acordo com Wallace (2020), o surto da gripe aviária (H5N1) em 2003, a gripe suína (H1N1) em 2009, o Ebola em 2013 e a atual

² Com base na dialética marxista, com o aprofundamento das contradições geradas pelo desenvolvimento capitalista, cria-se a possibilidade do devir de uma sociedade pós-capitalista. Aqui entende-se superação como resultado da obsolescência do capitalismo.

³ Hoje, cerca de cinco empresas de melhoramento genético controlam aproximadamente 80% da produção de aves no mundo, a partir de um banco genético unificado. Isso faz com que os animais percam a capacidade de desenvolver resistência imunológica a vírus e bactérias (WALLACE, 2016).



pandemia da COVID-19, têm em comum o fato de terem surgido em nas fronteiras de expansão do agronegócio.

Neste ensaio, partimos do entendimento da pandemia de coronavírus como um efeito colateral da chamada “ruptura ou falha metabólica”⁴ na relação dos seres humanos com a natureza (MÉSZÁROS, 2011; FOSTER, 2005), e, portanto, como parte de uma profunda crise estrutural do capital (ACOSTA, 2020; HARVEY, 2020; SANTOS, 2020; ZIZEK, 2020; DAVIS, 2020). A atual crise nos convida a refletir sobre as relações que mantemos com a natureza.

A pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar à sua etapa final. É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica (SANTOS, 2020, p. 23).

A pandemia causada pelo coronavírus agrava a crise estrutural do capital, e escancara os limites e contradições da dinâmica de acumulação capital, sobretudo na atual fase de hegemonia neoliberal. Haja visto que, em plena pandemia, os Estados capitalistas demonstram, em maior ou menor grau, estar mais dispostos a concentrar seus esforços na salvação do mercado financeiro e na manutenção das taxas de lucro das grandes corporações privadas em detrimento de salvar vidas humanas (HARVEY, 2020; DAVIS, 2020; SANTOS, 2020). Diante deste cenário, torna-se urgente problematizar a questão do desenvolvimento capitalista a fundo, e questionar a racionalidade economicista. Afinal, “dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação” (KRENAK, 2020, p.10).

De acordo com Furtado (1996, p.89), graças à noção de desenvolvimento econômico:

tem sido possível desviar as atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abrem ao homem o avanço da ciência, para concentrá-las em objetivos abstratos, como são os investimentos, as exportações e o crescimento.

Citando Milton Santos (2013, p. 31):

Nesses espaços da racionalidade, o mercado é tornado tirânico e o Estado tende a ser impotente. Tudo é disposto para que os fluxos hegemônicos corram livremente, destruindo e subordinando os demais fluxos. Também por isso o Estado deve ser enfraquecido, para deixar o campo livre (e desimpedido) à ação soberana do mercado.

Tomando o Brasil como exemplo desse processo, durante os últimos anos assistimos a profundos

⁴ Conceito originalmente cunhado por Karl Marx, em O Capital, e retomado por John Bellamy Foster, para se referir às perturbações e desequilíbrios que o modo de produção capitalista causa no meio ambiente.



cortes e limitações de gastos na área de saúde pública, advindos da ofensiva neoliberal, sob o pretexto de austeridade fiscal.⁵ Agora, com a chegada do coronavírus e o aumento exponencial do número de infecções, o Sistema Público de Saúde (SUS) se encontra profundamente fragilizado e despreparado para atender a este tipo de demanda. Assim como no Brasil, em várias partes do mundo, os quarenta anos de hegemonia neoliberalista deixaram o sistema público totalmente exposto e mal preparado para enfrentar uma crise de saúde pública deste tipo (HARVEY, 2020; DAVIS, 2020). Tal despreparo está ligado à lógica de mercantilização capitalista:

A indústria farmacêutica tem pouco ou nenhum interesse na pesquisa sem fins lucrativos sobre doenças infecciosas. A indústria farmacêutica raramente investe em prevenção. Tem pouco interesse em investir na preparação para uma crise de saúde pública. Quanto mais doentes nós estamos, mais eles ganham. A prevenção não contribui para uma valorização dos acionistas (HARVEY, 2020, p. 18).

Para Davis (2020) a pandemia de coronavírus traz à tona a luta de classes, ao revelar o profundo abismo social, no qual os do lado mais pobre são os que mais sofrem com a pandemia. É verdade que o vírus não escolhe classe social, porém nem todos têm as mesmas oportunidades de acesso a recursos hospitalares, isolamento social e acesso a renda. Os privilégios de classe, gênero e raça se reafirmam e se reproduzem (HARVEY, 2020). O fato é que alguns podem ficar confortavelmente isolados em casa (trabalhando ou não), enquanto milhões de trabalhadores mais pobres têm que fazer a difícil escolha entre renda ou proteção, de acordo com os dados: “Atualmente, 45% da força de trabalho não tem esse direito e é praticamente obrigada a transmitir a infecção ou ficar com o prato vazio” (DAVIS, 2020, p. 9). Está cada vez mais evidente o fato que “estamos enfrentando uma injustiça pandêmica” (SANTOS; SÁNCHEZ, 2020, p. 11).

David Harvey, corrobora com este raciocínio ao afirmar:

As forças de trabalho na maioria das partes do mundo há muito que foram socializadas para se comportarem como bons sujeitos neoliberais (o que significa culpar a si mesmos ou a Deus se algo de ruim acontecer, mas nunca ousar sugerir que o capitalismo pode ser o problema). Mas mesmo os bons sujeitos neoliberais podem ver que há algo errado com a forma como está pandemia está sendo enfrentada (HARVEY, 2020, p. 22).

RUPTURAS E ALTERNATIVAS

O filósofo Slavoj Žižek (2020), em seu recente artigo sobre a crise do coronavírus, compara, metaforicamente, a pandemia com a “técnica de cinco pontos para explodir o coração”⁶ – golpe mais

⁵ Medida coroada com a promulgação da Emenda Constitucional 95 de 2016, que limitou por 20 anos os gastos públicos.

⁶ Cena final do filme Kill Bill: volume 2, do diretor Quentin Tarantino.



fatal das artes marciais -, “destinada ao sistema capitalista global”. “É um sinal de que não podemos continuar no caminho em que temos estado até agora, de que é necessária uma mudança radical” (ZIZEK, 2020, p. 44).

De acordo com Harvey (2020, p.20), as economias capitalistas contemporâneas são 70-80% impulsionadas pelo consumismo, em especial as formas de “consumismo experiencial”⁷ que praticamente está morto: “grande parte do modelo de vanguarda do consumismo capitalista é inoperante nas condições atuais [...] a forma espiral de acumulação interminável de capital está implodindo”. Temos visto a pandemia criar obstáculos intransponíveis a reprodução do capital.

A crise da pandemia já fornece sinais de que precisaremos rever o modo de produção capitalista e o seu sistema de valores. É o momento de disputar outros futuros possíveis, reinventando a maneira de organizar a sociedade e de se relacionar com a natureza (HARVEY, 2020; SANTOS, 2020; KRENAK, 2020; ACOSTA, 2020). Para isso, evidentemente, será necessário confrontar os interesses do capital e forçar os Estados a irem contra à política econômica nefasta do neoliberalismo, em prol do bem comum. Acosta (2020), Krenak (2020) e Santos (2020) alertam sobre o risco de voltarmos à normalidade, posto que a normalidade produzida pelo capitalismo é a causa do problema.

Para autores como Acosta (2020), Santos (2010; 2020) e Mignolo (2008), é necessário centrar-se na análise das contradições do paradigma da universalização colonizadora do sistema capitalista, baseado numa visão de mundo moderna, eurocêntrica, antropocêntrica, mecanicista e patriarcal, para empreender a busca de alternativas fora da racionalidade dominante. Processo que Santos (2020, p.32) denomina de “viragem epistemológica, cultural e ideológica”, a partir de outros valores, paradigmas e racionalidades presentes, por exemplo, na cosmovisão indígena (KRENAK, 2020; ACOSTA, 2020); sem necessariamente significar um retorno ao passado, nem o abandono das tecnologias atuais, “podendo a mesma materialidade que torna o mundo tão desigual vir a ser uma condição na construção de um mundo melhor” (SANTOS, 2003 p. 84).

Posto isso, acreditamos que, a partir da experiência das comunidades e movimentos sociais em resistência, emergem novas formas de pensamento/ação, tal como “janelas de oportunidade” (SANTOS, 2010) abrindo novos horizontes para construção de uma sociedade pós-capitalista (ACOSTA, 2020; SANTOS, 2020). “Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver” (SANTOS, 2020, p. 29). Lembrando Milton Santos (2013, p. 45): “cada época se caracteriza pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades concretas”. Concluimos este artigo, propondo uma agenda de investigação mais atenta e próxima às experiências

⁷ Como por exemplo: companhias aéreas, hotéis, restaurantes, parques temáticos e eventos.



dos movimentos populares, de modo a potencializar o diálogo de saberes e a busca por alternativas fora da racionalidade capitalista, para construir novas formas de reproduzir a existência.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. “La Agroecología en tiempos del COVID-19”. **Centro Latinoamericano de Investigaciones Agroecológicas (CELIA)**, vOL. 35 n. 5, 2020.

ARRIGHI, G.; SILVER, B. J. **Caos e governabilidade no sistema mundial moderno**. São Paulo: Contraponto, 2001.

DAVIS, M. “A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo”. *In*: DAVIS, M. *et.al.* (orgs.). **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos, 2020.

FOSTER, B. J. **A ecologia de Marx**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

GLIESMANN, S. “Transforming food and agriculture systems with agroecology”. **Agriculture and Human Values** [11/05/2020]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10460-020-10058-0>>. Acesso em: 13/06/2020.

HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

HARVEY, D. “Política anticapitalista em tempos de COVID-19”. *In*: DAVIS, M. *et.al.* (orgs.). **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos, 2020.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no séc. XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

MIGNOLO, W. “Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de Iden-tidade em política”. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, 2008.

PORTO-GONÇALVES, C. W. “Escassez, economia e meio ambiente: o desserviço de Paulo Guedes”. **Espaço e Economia**, vol. 18, 2020.

SANTOS, B. S. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. *In* SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.) **Epistemologias do Sul**. São. Paulo; Editora Cortez. 2010.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São Paulo: EdUSP, 2013.



SATO, M.; SANTOS, D.; SÁNCHEZ, C. **Vírus: simulacro da vida?** Rio de Janeiro: GEA-SUR, UNIRIO, 2020.

SENHORAS, E. M. “Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

WALLACE, R. G. **Big Farms Make Big Flu: Dispatches on Infectious Disease, Agribusiness, and the Nature of Science.** New York: Monthly Review Press, 2016.

WALLACE, R. G. **Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência.** São Paulo: Editora Elefante, 2020.

WALLERTIEN, I. “A crise estrutural no sistema-mundo: para onde vamos a partir daqui?” **Via Atlântica**, n. 21, 2012.

ZIZEK, S. “Um golpe como “Kill Bill” no capitalismo”. *In*: DAVIS, M. *et al.* (orgs.). **Coronavírus e a luta de classes.** Brasil: Terra sem Amos, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 7 | Boa Vista | 2020

<http://revista.ufrr.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima